

SAUDANDO POMPEU SOBRINHO(*)

Mozart Soriano Aderaldo

A Universidade do Ceará, cumprindo variegado programa de incentivo às Ciências e Letras neste recanto do Nordeste brasileiro, houve por bem introduzir, como letra de seu Estatuto, a outorga da Medalha do Mérito Cultural àquelas personalidades, vinculadas ao nosso Estado, que mais brilharem no vasto campo das atividades intelectuais.

Andou bem inspirado o Conselho Universitário do Ceará ao inscrever, entre os dispositivos do diploma estatutário de nossa Universidade, essa promessa de galardão a quantos elevem o nome da terra através de paciente e anônimo trabalho, precisamente uma minoria operosa, de alcandoradas faculdades, que em geral se resguarda, por sabedoria, numa serena e voluntária penumbra, aguardando "a justiça de Deus na voz da História."

Terra a um só tempo carente de recursos econômicos e exuberante de potencialidade intelectual, o Ceará se deu ao luxo, talvez por isso mesmo, de exportar talentos.

Nasceram em nosso Estado as quatro maiores figuras nacionais no campo da ciência jurídica, do pensamento filosófico, da pesquisa histórica e da criação romântica. Foi cearense o intrépido pioneiro do aproveitamento do potencial energético da cachoeira de Paulo Afonso. Aqui também nasceu o autor dos primeiros acordes verdadeiramente nacionais da música brasileira. E na terra que foi dele e é nossa pontificou aquele que haveria de disputar, com indisfarçada possibilidade, o título de maior matemático brasileiro. Ainda aqui ouvimos, antes que outros, os trabalhados versos do restaurador da poesia camoneana no Brasil.

Mas esses foram cearenses que se projetaram em outras terras por via do talento superior exibido alhures.

Se mais não disputamos às regiões irmãs, é que não o tem permitido um insuportável confinamento cultural, desestimulador dos que aqui permane-

(*) Discurso pronunciado, em nome da Universidade Federal do Ceará, quando da entrega da Medalha do Mérito Cultural a Thomaz Pompeu Sobrinho, em solenidade realizada na tarde do dia 16 de novembro de 1965.

cem, confinamento esse já agora felizmente abalado em seus fundamentos com a criação da Universidade do Ceará, magnificamente regida por essa personalidade cuja missão tem sido revolucionar a estrutura universitária brasileira, com seu dinamismo e sua operosidade — o Reitor Martins Filho.

Dentre quantos permanecem na Província, quando mais se projetariam em outras terras, ressalta, *primus inter pares*, a figura por todos os títulos venerável do sábio Thomaz Pompeu de Sousa Brasil Sobrinho, o Dr. Pompeu — como costuma ser tratado por auxiliares e admiradores.

Descendente de nobilíssima estirpe rural, sempre dedicada a assuntos culturais e políticos, podemos dizer que Pompeu Sobrinho vem desenvolvendo o trabalho de seus ilustres ascendentes no trato dos problemas da terra, fruto que é dos fatores ecológicos, que impõem ao espírito a condição de lutar, e dos fatores genéticos, que oferecem à inteligência uma aptidão natural para os estudos de geografia humana e política econômica.

Herança cultural e herança biológica influenciaram na formação do neto do ínclito Senador Pompeu e no sobrinho do eminente Dr. Tomaz Pompeu, de tal modo que vemos ser ele o ampliador da obra do avô e do tio, jamais deixando de ensinar, através de múltiplos e aprofundados estudos, que o meio físico deve ser conquistado pelo homem por via de uma inteligente aplicação dos princípios científicos aos problemas regionais.

Se verdadeira fosse a afirmativa de que a civilização latino-americana ainda não se acha construída e que somente se realizará quando os discutidos países ibero-americanos tiverem dado a si mesmos e ao mundo uma cultura que leve em conta, harmoniosamente, a história e o solo próprios, essa lição não haveria de valer para a ilustre família Pompeu. Não há como negar que o meio condiciona a cultura, muito embora não se possa afirmar, de modo generalizado, que o fator geográfico explique totalmente o progresso dos povos e as modificações culturais. O mais certo seria dizer que a civilização material se acha, obviamente, condicionada pelo meio físico, mas sua forma, sua evolução e seu particular aspecto não de ser consequência da inteligência humana, pois sabemos que a civilização é um fenômeno social por excelência, um esforço do homem pela conquista de um sempre mais aprimorado estágio cultural. É que, aprofundando um pouco a análise que se possa fazer desse problema, a cultura estaria para a civilização como a matéria-prima para o artefato, sendo possível admitir-se cultura sem civilização, mas nunca civilização sem cultura.

Seria essa — quem sabe? — a maior lição que os Pompeus não se cansam de dar ao Ceará, que tanto conhecem e, por isso mesmo, tanto amam, uma vez que não podemos amar o que desconhecemos.

Pena é que nestes tempos de confusão e discórdia, quando a própria Igreja, monolítica através dos séculos, se acha atualmente ameaçada pelo

cisma do gosto da novidade pela novidade, a juventude conterrânea, mal orientada por falsos líderes, longe de aprender na vida e na obra de homens assim formados, se lance em aventuras perigosas, tentando em vão unir o sim e o não, o que é essencialmente espiritual ao que é intrinsecamente material, através de ginásticas mentais que ressaltam a má fé, ou, quando muito, a inteligência de quem melhor a aplicaria no estudo das coisas da terra, para atingir, finalmente, o Universal pelo Regional, síntese daquela mesma teoria que recomenda a construção de uma cultura nossa, que considere, antes de tudo, a história e o solo pátrios.

É essa a lição, precípua, do Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho, não só através da centena de trabalhos que escreveu, todos voltados para o Ceará, o Nordeste e o Brasil, como ainda pela vida que viveu de “escafandrista mais erudito da história do Ceará”, como já o qualificaram com justiça.

Culto, como ninguém mais o seja, e bom, de uma bondade que prende e que comove; erudito, o mais erudito de quantos viveram nestas calcinadas terras do Nordeste seco, mas essencialmente simples, de uma simplicidade que eleva e dignifica — Pompeu Sobrinho bem merece as homenagens que, no transcurso de seus 85 anos superiormente vividos, lhe prestam Governo e povo de sua terra natal.

A Universidade do Ceará não podia eximir-se às homenagens que vêm sendo prestadas ao maior dos cearenses vivos, pelo muito que fez e ainda fará pela terra do berço, não obstante sua respeitável senectude, através de sério e continuado estudo dos problemas da região e de sua científica e adequada solução.

Dr. Pompeu:

Grande honra me foi conferida ao ser escolhido intérprete do Egrégio Conselho Universitário no momento em que o Magnífico Reitor da Universidade do Ceará vos entrega a Medalha do Mérito Cultural. Honra imensa pela magnitude da delegação e honra igualmente imensa pela excelssitude do home-nageado.

Sois, sem contestação, o expoente da cultura cearense. Ninguém, como vós, subiu tão alto em conhecimentos do homem e da terra cearense porque ninguém conseguiu ser tão lúcido, tão conciso, tão correto. . .

Em muito vos pareceis com nosso conterrâneo Clóvis Beviláqua, a quem Humberto de Campos, inspiradamente, chamou de São Clóvis, vós que tendes, como ele os teve, o espírito radiante como o sol, o coração puro como as manhãs e a alma grande como o mundo.

A exemplo do mestre do Direito continental, sois ainda um homem feliz, porque tendes uma terra que vos ama, um povo que vos venera, um nome que é símbolo de honestidade, de cultura, de grandeza.

A erudição que possuí, mestre eminente, vive em vós mesmo, fala pelos

vossos estudos e se transubstancia nos gestos largos de vosso largo coração.

E não somos nós, apenas, os vossos conterrâneos, auxiliares e admiradores, que reverenciamos os vossos méritos. Quantos estudam seriamente as coisas do Brasil haveriam de responder, se indagados, que sois um sábio.

Os que vos conhecem mais de perto emendarão logo — um sábio e um santo! Um conforto para os mais velhos! Um exemplo para a juventude!